



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GÉSSICA VICENCIA BENDITO**

**DISCUSSÕES E PERSPECTIVAS SOBRE LETRAMENTO EM MEIO ÀS  
PRÁTICAS EDUCATIVAS E AO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NAS SÉRIES  
INICIAIS (1º AO 3º ANO)**

**GUARABIRA- PB**

**2014**

GÉSSICA VICENCIA BENDITO

**DISCUSSÕES E PERSPECTIVAS SOBRE LETRAMENTO EM MEIO ÀS  
PRÁTICAS EDUCATIVAS E AO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NAS SÉRIES  
INICIAIS (1º AO 3º ANO)**

Monografia apresentada, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Monica de Fátima Guedes de Oliveira

GUARABIRA – PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

B458d Bendito, Géssica Vicencia

Discussões e perspectivas sobre letramento em meio às práticas educativas e ao ensino da língua materna nas séries iniciais (1º ao 3º ano) [manuscrito] : / Gessica Vicencia Bendito. - 2014.

37p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Mônica de Fátima Guedes de Oliveira,  
Departamento de Educação".

1. Letramento. 2. Alfabetização. 3. Leitura. 4. Escrita. 5.  
Língua Materna. I. Título.

21. ed. CDD 372.6

GÉSSICA VICENCIA BENDITO

**DISCUSSÕES E PERSPECTIVAS SOBRE LETRAMENTO EM MEIO ÀS  
PRÁTICAS EDUCATIVAS E AO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NAS  
SÉRIES INICIAIS (1º AO 3º ANO)**

Monografia apresentada, em cumprimento aos requisitos  
para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à  
Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

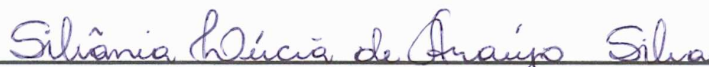
Aprovada em 07 de março de 2014

BANCA EXAMINADORA



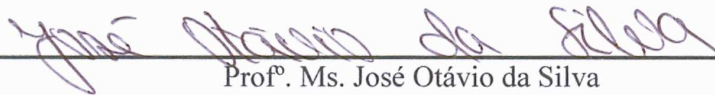
Prof.ª Ms. Monica de Fátima Guedes de Oliveira

(Orientadora- Presidente)



Prof.ª Ms. Silvânia Lúcia de Araújo Silva

(Examinador 1)



Prof. Ms. José Otávio da Silva

(Examinador 2)

Guarabira – PB

2014

À Deus,

“O Senhor me ofereceu os caminhos à percorrer, sou grata e sei que tudo vem de Ti e de Tua infinita bondade, somos filhos e herdeiros do Teu amor e para Ti, são todas as honras e glórias.

Dedico minhas realizações, pois sei que és, meu auxílio, força e proteção”.

## **AGRADECIMENTOS**

- Agradeço a Deus por me guiar, por me dar oportunidade para crescer como profissional e me fazer ser mais humilde diante de todas as dificuldades da vida. É por este motivo que sou sua serva, pois sei que sem Ti não sou nada;
- Aos meus pais, pessoas iluminadas que em meio às barreiras que a vida sempre impõe, estão sempre otimistas e me dando força para seguir adiante. São a minha fortaleza e o meu porto seguro;
- Aos mestres, que com toda sua sabedoria me fizeram ser quem hoje sou, uma incansável pessoa em busca do saber. Obrigada mestres por serem meus espelhos como profissionais e como pessoas;
- À Monica, minha orientadora, que fez com que tudo isso se concretizasse. Obrigada pelo estímulo, pelos conhecimentos e pela amiga que fostes na construção deste trabalho;
- Aos colegas e amigos, os meus sinceros agradecimentos pelas trocas de conhecimento, pela ajuda mútua e pelas amizades verdadeiras que construímos ao longo do tempo;
- Aos professores que participaram da pesquisa e que contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho;

**“A leitura torna o homem completo, a conversação torna-o ágil, e o escrever dá-lhe precisão”.**

**(Francis Bacon, Filósofo inglês).**

BENDITO, Gécica Vicencia. **Discussões e Perspectivas sobre Letramento em meio às práticas educativas e ao ensino da Língua Materna nas séries iniciais (1º ao 3º ano)**. 2014. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

## **RESUMO**

O presente trabalho dedica-se a apontar as visões de educadores e o estudo feito por diversos autores acerca das implicações do Letramento como uma nova proposta para o ensino e aprendizagem voltados às habilidades de Leitura e Escrita. Para realizar este estudo, partimos do pressuposto de que Alfabetizar e Letrar, são práticas distintas, mas inseparáveis (cf. SOARES, 1998). Nesse sentido, apresentamos nesse trabalho alguns conceitos e reflexões para o ensino da Língua Materna e a contribuição do Letramento para às crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Por isso, damos destaque também aos gêneros textuais que trazem consigo um mundo plurissignificativo, que em meio ao contexto das crianças, trazem um estímulo maior à Leitura e a Escrita e proporcionam, mesmo àquelas que não decodificam convencionalmente os sinais gráficos, a possibilidade de serem letradas. Tendo como fundamentação teórica, um estudo histórico sobre o Ensino de Língua Materna e as visões de muitos autores sobre o Letramento, como Bagno, Stubs e Gagné (2002); Marcuschi (2001, 2002); Soares (1988, 1998, 1999, 2003, 2004); Possenti (2001); Nóvoa e Apple (1998); Lahire (1999); Kleimam (1995, 2005); Kramer (in ZACUR, 1999); Tfouni (1995); Freire (1993, 1999, 2002); Ribeiro (2003); Geraldi (1995); Matêncio e Macedo (2002); Cegalla (2005); Emília Ferreiro (2001, 2003), entre outros, analisamos os conceitos e distinções entre alfabetização e letramento e suas implicações ao longo dos anos. Além disso, apontamos um estudo de experiências, através de uma entrevista com professores das séries iniciais acerca das suas visões e de suas práticas pedagógicas no ensino de Língua, correlacionadas ao Letramento. Assim, concluímos que o ensino vem sendo atingido por mudanças significativas, onde nelas o Letramento é uma das práticas que mais gera resultados e que assim, torna-se possível alfabetizar e letrar nossos alunos ao mesmo tempo.

**Palavras-chave:** Letramento. Alfabetização. Leitura. Escrita. Língua Materna.



## **ABSTRACT**

The present work is dedicated to point the views of educators and the study done by various authors about the implications of literacy as a new proposal for teaching and apprenticeship on the skills of reading and writing learning. To conduct this study, we part of the assume that Literacy and Literacy are distinct practices, but inseparable (cf. SOARES, 1998). In this sense this paper, we present some concepts and reflections to the teaching of Mother Tongue and the contribution of literacy for children in the early grades of elementary school. Therefore, we also give detachable to texts genres that bring with them a plural and meaning world, amid the context of children, bring a great stimulus to reading and writing and even those not conventionally decode graphic signals, provide an opportunity to be literate. Having as theoretical basis, a historical study about the Teaching of Mother Tongue and the views of many authors on Literacy, as Bagno, Stubs e Gagné (2002); Marcuschi (2001, 2002); Soares (1988, 1998, 1999, 2003, 2004); Possenti (2001); Nóvoa e Apple (1998); Lahire (1999); Kleimam (1995, 2005); Kramer (in ZACUR, 1999); Tfouni (1995); Freire (1993, 1999, 2002); Ribeiro (2003); Geraldi (1995); Matêncio e Macedo (2002); Cegalla (2005); Emília Ferreiro (2001, 2003), among others, analyze the concepts and distinctions between literacy and literacy and their implications over the years. Furthermore, we point out a study of experiences, through an interview with teachers of the lower grades about their visions and their pedagogical practices in the teaching of Language, Literacy correlated to. Thus, we conclude that the teaching has been hit by significant changes in them where the literacy is one of the practices that generate more results and what is possible literacy and literacy our students at the same time.

**Keywords:** Literacy. Literacy. Reading. Writing. Mother Tongue.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>12</b>
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos Específicos.....	12
<b>3. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>13</b>
3.1 O estudo histórico sobre o ensino da Língua Materna.....	13
3.2 O ensino de Língua e a perspectiva de adotar novas posturas: O papel do educador e a formação da criança.....	15
3.3 Letramento no Ensino da Língua Materna.....	17
3.4 As ideias de Letramento no Ensino de Língua sob a visão de Gêneros Textuais.....	20
3.5 Uma breve discussão sobre um novo modelo de Letramento.....	21
3.6 O Letramento e suas múltiplas dimensões na prática educativa e no ensino da Língua Portuguesa.....	22
3.7 Alfabetização x Letramento ou seria Alfabetização e Letramento?.....	25
3.8 A importância de aprender a Ler e a Escrever.....	28
3.9 Oralidade e Escrita.....	29
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
4.1 Estudo de experiências com professores das séries iniciais acerca de suas práticas quanto ao ensino de Língua ligadas ao Letramento.....	31
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## APÊNDICE

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir acerca das contribuições no Ensino da Língua Materna, ou seja, no nosso caso a Língua Portuguesa, ao longo dos anos, provocadas pelo Letramento. Através de um estudo histórico e de caso, tratamos de um tema que é muito discutido nos ambientes educacionais, que tenta ser implantado, mas que na verdade é visto na maioria das vezes sendo mal praticado. Na verdade, queremos destacar que muito se fala, mas pouco se desenvolve de forma significativa, porque os nossos professores ainda têm muitas dúvidas sobre tal temática.

Ao discutirmos sobre Alfabetização e Letramento com professores de séries iniciais, notamos que os mesmos tentam adotar essa nova perspectiva em suas salas de aula, mas que as mesmas, ainda em suas práticas estão confusas. Assim, neste estudo queremos destacar as visões e os posicionamentos de diversos autores que trabalham com as reflexões voltadas para essas práticas e analisam um estudo histórico da implementação dessas novas perspectivas para o Ensino de Língua.

Nosso objetivo maior é mostrar que é possível alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, mesmo que sejam, essas ações distintas, mas que não caminham sozinhas. Na pesquisa foi realizada uma entrevista com professores das séries iniciais da rede Estadual de Ensino, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Stella da Cunha Santos, localizada na Rua: Napoleão Laureano, Centro, Município de Sapé-PB, quanto às suas práticas em sala de aula, à proposta pedagógica da escola e o planejamento voltado para o Letramento.

Neste texto, enfatizamos apenas as questões relacionadas ao estudo de caso e aos estudos teóricos dos autores, no processo de ensino. Na primeira parte deste trabalho, analisamos e discutimos o referencial teórico do estudo sintetizado nas colocações dos autores e da corrente histórica que envolve o ensino de Língua e o Letramento e Alfabetização. Na segunda parte, tratamos de concretizar a análise dos dados produzidos na pesquisa.

Destacamos também nesse trabalho a importância das práticas orais e escritas e do uso dos gêneros textuais como meios para a interação da linguagem sociocomunicativa entre os discentes e professores e entre os mesmos e a sociedade.

O estudo da Língua Materna, essa em relação ao Brasil, desde seu contexto histórico está ligado a diversos fatores que preconizam seu sentido e seu reconhecimento como Língua mãe. Na verdade, a escola deve atribuir esse estudo sem desligar-se de sua responsabilidade social, como fez durante séculos no que diz respeito ao tratamento das variações linguísticas. No primeiro momento por fatores que enraizados na cultura adotaram meios para através dos

fenômenos sociais a partir da década de 1960, chamado de democratização do ensino e outra no que diz respeito a preconceitos com o erro e a estruturação da língua padrão como única e absoluta forma de utilização da mesma.

A escola tem que estar aberta para aceitar a existência das variações linguísticas que são formadas em meio às várias camadas sociais, seja por aspectos econômicos, regionais e sociais que qualquer língua viva apresenta.

Portanto, queremos destacar que o princípio do ensino da Língua está voltado para o respeito aos falantes e aos escritores, quando na verdade, são eles que produzem seu discurso e seus escritos e trazem desde cedo, antes do contato com a escola, suas peculiaridades sociais.

Neste estudo, lançamos mão das novas tendências que evidenciam os modelos de ensino sobre os novos olhares os quais pretendem um amplo aprofundamento da língua e de seu sentido, tratamos do letramento como uma das práticas adotadas nas escolas para favorecer o ensino e a aprendizagem das nossas crianças. No entanto, devemos reconhecer que a escola tem um papel indispensável nesse processo quando pode dar ao espaço educacional oportunidade para enriquecer sua língua sem deixar de lançar destaque aos meios que a produzem e as pessoas que a detém. Assim, como Bagno (2002, p. 8) defende,

um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, pra que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

Nesse sentido, a escola em todo seu amplo contexto tem o papel primordial para a formação do Letramento nos discentes e só a prática constante da leitura e da escrita, irá favorecer esse papel. Dentro desse cenário, o aluno será capaz de aprender os diferentes gêneros textuais, da mistura dos elementos linguísticos que caracterizam sua língua materna, enriquecer seu léxico e dar sentido aos processos linguísticos nos quais é inserido.

É na discussão dos novos modelos de Letramento e no debate quanto ao posicionamento da Língua a destacar a Norma Padrão, que evidenciamos nosso estudo em posicionamentos críticos no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem da Língua com foco no Letramento. Partindo da intenção de quebrar as práticas de memorização e estudos gramaticais isolados do contexto, numa perspectiva tradicional que leva ao aluno ser um mero reproduzidor do que escuta, adotamos nesse estudo, o debate constituído de diversos olhares para o papel da escola, para a formação dos professores e para as práticas docentes.

Mencionamos os exames nacionais de avaliação que muitas vezes em seus resultados trazem um considerado fracasso escolar, que é entendido como padrão para determinar o desempenho dos alunos. Não esquecendo também que, nesse sentido que a escola adota de uma educação voltada para o ensino tradicional, temos crianças alfabetizadas e não letradas, que possuem o conhecimento e decodificam os sinais gráficos, mas não sabem utilizá-los em seu meio, tanto quanto ao que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita como as práticas orais.

Diante de tais realidades, pretendemos repensar acerca dessas discussões, em meio à formação de crianças, a crianças não alfabetizadas e semialfabetizadas e apontar indagações como, O número de crianças não alfabetizadas é significativo, será que os professores estão adotando práticas que privilegiam a leitura e a escrita em diversos contextos sociais? E será que os discentes estão sendo estimulados ou instigados a pensar e expor oralmente seus conhecimentos prévios?

Assim, para investigar possíveis explicações e alternativas que talvez possibilitem mudanças nesse cenário, faremos um aporte em meio às pesquisas bibliográficas, experiências de professores e demais materiais que fazem referência ao tema para construirmos esses novos conceitos e olhares.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Promover uma discussão sobre o ensino da Língua Materna nas séries iniciais (1º ao 3º ano), voltadas para as práticas de Letramento, nas atuais perspectivas para o desenvolvimento das habilidades de Leitura e Escrita.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Conscientizar os professores acerca da sua prática docente quanto ao ensino da Língua e o desenvolvimento do Letramento;
- Estimular nos alunos o interesse pelo estudo da Língua Portuguesa;
- Incentivar as práticas orais e escritas, dentro e fora da escola;
- Oportunizar o trabalho com gêneros textuais para favorecer o desenvolvimento das habilidades de Leitura e Escrita;
- Mostrar que é possível alfabetizar e letrar nossos alunos ao mesmo tempo;
- Despertar toda a comunidade escolar para a importância das práticas de Ensino e Letramento voltadas para a visão sociocomunicativa e interacionista.

### 3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Este capítulo aborda os conceitos e as visões dos teóricos em relação ao ensino da Língua e as práticas de Letramento. Também são abordados os meios pelos quais a prática pedagógica docente pode efetivar o progresso no processo de ensino e aprendizagem, quanto às novas perspectivas esperadas no campo educacional, tanto no ensino quanto nos estudos teóricos.

#### 3.1 O estudo histórico sobre o ensino da Língua Materna

Nos estudos sobre a Língua Materna e o Letramento se discute muito as questões relativas aos seus aspectos de forma separada ao sujeito que os apreende. Muitos são afugentados pelo estudo seco e gramatical da Língua, no tocante em que ao invés das intenções para seu aprimoramento serem iniciados da intenção para a convenção, ele parte das convenções linguísticas para as intenções de comunicação previamente previstas por quem ensina. Por mais que se tenham estudos a esse respeito, diversos autores envolvidos no estudo aos preceitos linguísticos, ainda não se têm um fator concreto sobre os fenômenos da Linguagem humana e, além disso, não se entendeu ainda como fazer a aplicação desses avanços ao ensino da língua na escola. Segundo Bagno (2002, p. 11),

O ensino de língua no Brasil, neste início do século XXI, se encontra numa nítida fase de transição. A maioria dos professores que estão se formando agora já têm consciência de que não é mais possível simplesmente dar as costas a todas as contribuições da ciência linguística moderna e continuar ensinando de acordo com os preceitos e preconceitos da Gramática Tradicional. Por outro lado [...], ainda não sabem de que modo concretizar essa consciência em prática de sala de aula.

Segundo autores como Bagno, Stubbs e Gagné, suas posições são de não se limitar as muitas dificuldades de relacionamento entre as pesquisas acadêmicas e o cotidiano escolar, sendo assim, o estudo relacionado à língua pode fazer sentido quando há um esforço em renovar as concepções de linguagem e ensino de língua, vigentes em nossa sociedade que ainda se deixa guiar por uma “norma-padrão anacrônica” (BAGNO, 2002, p. 12), por “estereótipos corriqueiros sobre a língua” (STUBBS, 2002, p. 12) e por uma “visão simplista e moralizadora” (GAGNÉ, 2002, p. 12) dos fatos linguísticos.

Muito se tem estudado sobre os avanços linguísticos que nossa língua sofreu, ou talvez não tenham sofrido, mas que tenham sido descobertos novos conceitos ainda não estudados e vistos em nossa língua. Quando deixamos de lado os termos e os estudos científicos sobre a Língua e entramos na sala de aula pouco se vê o uso dessas novas visões no ensino, apesar de as mesmas já estarem descritas nos referenciais teóricos que servem de apoio ao ensino como, por exemplo, os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais e também nas diretrizes oficiais que vigoram na educação (MEC, 1998).

Na verdade, o grande problema é a falta de preparação para os professores entenderem em seus termos técnicos o que quer dizer esses documentos, porque sua leitura é bem difícil para a maioria dos professores, principalmente porque infelizmente os professores não têm uma formação necessária para ler estes documentos e acabam não os entendendo, mesmo porque é necessário um conhecimento prévio das teorias linguísticas para isso.

É nesse sentido, que colocamos o ensino da Língua como um fator a ser estudado dentro das salas de aula, e como uma forma de chamar atenção às novas visões que estão se formando mediante a isto, como as novas propostas de ensino da Língua Portuguesa, colocando com evidência aliado ao ensino, um estudo mais aberto e com o sentido de renovar sua prática, na perspectiva de evoluir quanto ao conceito de uma Língua e de um sistema obsoleto, pouco flexível, burocrático e enraizado no estudo Tradicional do mesmo.

Após apoiar o ensino no estudo visado pela Gramática Tradicional espera-se que os alunos aprendam o Português em meio a suas regras e suas normas, entendendo a Língua, como Norma Padrão que deve ser seguida rigidamente pelos professores, aí está o embate dos novos professores de ensinar o português que os pais dos alunos aprenderam e os professores mais antigos ensinavam ou ensinam. O ensino da Língua Portuguesa nesta visão está enraizado no entendimento e estudo da gramática normativa, um instrumento de controle, repressão e exclusão social que explica as necessidades de mudança desse paradigma.

Em comparação aos professores de Língua Portuguesa e aos professores de outras disciplinas como, História, Geografia, Biologia etc. A diferença se encontra no que diz respeito ao ensino, quando que para o professor de português que deve seguir as velhas e tradicionais regras da Gramática, os outros professores, de outras disciplinas devem evoluir nos conceitos, noções e dados que já foram considerados ultrapassados, no tocante que no ensino de Língua continua-se entendendo que ele seja prescritivo-normativo, pois é considerado mola relevante na formação e no estudo.

Embora que apesar do ensino de Língua ainda esteja voltado para essas visões, podemos considerar que, no início do século XXI, esse ensino se encontra numa fase de



transição, da qual os professores já passam a ter consciência de suas práticas e passam a começar quebrando alguns tabus que seguem esse ensino. Passam, portanto, a considerar os novos estudos sobre o ensino de Língua e entendem que não podem mais deixar de lado essas visões, apesar de que ainda não sabem como adotar essas novas perspectivas em sala de aula.

### **3.2 O ensino de Língua e a perspectiva de adotar novas posturas: O papel do educador e a formação da criança**

É também motivo de debate, o papel do professor como principal instrumento para a propagação do ensino, e hoje o que se discute muito é a responsabilidade desses profissionais em formar cidadãos conscientes e leitores significativos, que consigam a partir de sua formação, serem capazes de participar da sociedade como críticos diante do que os cercam. No entanto, a visão de muitas pessoas envolvidas no meio educacional acaba por dificultar essa formação, atribui-se ao professor de Língua Portuguesa, a responsabilidade de ensinar os alunos a ler e a escrever, e só a ele está responsabilidade é dada, na maioria das vezes o que nos faz pensar que em outras disciplinas isto é deixado de lado.

Na verdade, a formação dos alunos deve acontecer desde a pré-escola e continuar efetivando-se ao longo dos outros anos de estudo. Os discentes devem ser capazes de ler e escrever e desenvolver diversas outras habilidades em meio a isto, o que necessariamente é responsabilidade de todos que fazem o universo escolar e educacional que envolve a criança ou o discente de um modo geral.

Um outro fator, que é instrumento de estudo e discussões, é que hoje a grande preocupação não é mais só o fato de ensinar a ler e a escrever, mas fazer com que os alunos entendam aquilo que leem e escrevem, para que sejam adotadas práticas que qualifiquem esse ensino, e neste momento devem ser dado todos os créditos necessários que se tem aos estudos científicos e Linguísticos sobre o ensino de Língua, principalmente a Língua materna, no nosso caso, o Português.

A linguagem é adquirida pela criança desde o início de sua vida com as interações que tem no ambiente em que vive e nessas interações a criança adquire a língua materna e nela são evidentes as marcas de cada cultura. Nessas condições, a criança vai aprendendo as normas que os diferentes grupos sociais usam de acordo com suas peculiaridades. Entretanto, na escola, a formação linguística se dá com o uso da Língua de forma sistemática, teórica e bem metodológica, como um labirinto cheio de complicações.

A língua deve ser vista como um objeto de análise e reflexão e não como um processo e uma prática de exclusão, caracterizada pelas visões tradicionais de seu uso. O desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita é essencial na vida dos aprendizes, acontece que a interrupção desse processo de construção do conhecimento gera uma falta de estímulo para quem o vive.

Portanto, nesse estudo fazemos uma crítica ao ensino da gramática normativa nas escolas em meio às noções de Letramento. Hoje nas escolas tem se tomado uma posição de consertar a linguagem do aluno como se ele fosse um deficiente linguístico que não segue as normas padrões enraizados no ensino tradicional da Língua. Nessa perspectiva, a escola entende que deve dar ao aluno aquilo que ele não tem, não entendendo ela, que o aluno desde que nasce já adquire um conhecimento linguístico e passa a ter um convívio com sua Língua Materna, talvez bem maior do que aquela imposta por um ensino técnico e sistemático.

Nesse estudo, o nosso maior objetivo não é vitimar como velho e cansado o ensino da Língua em nossas escolas, mas o objetivo de chamar a atenção de todos os leitores para o fato de que todos, temos a Língua como uma aliada no processo comunicativo, e que cada um a usa como a detém de acordo com sua vida e sua relação social com outros usuários da mesma. Não se deve desprezar o conhecimento que a criança ao entrar na escola já possui, a mesma não entra nela como um ser vazio e sem conteúdo, mas como um ser apesar de pouco experiente, um ser que já tem conhecimentos que devem ser levados em conta.

É evidente que na escola o discente aprimora aquilo que já detém como conhecimento nato, a Língua é um desses conhecimentos que devem ser levados a sério, pois, no seu seio familiar a criança já passa a desenvolver. A criança na escola já tem um conhecimento muito importante do funcionamento de sua língua materna, e se levarmos em consideração isso nos serviria como ponto para diversos estudos. Como bem analisa Gagné (2002, p. 21),

[...] a escola habitualmente considera que a língua falada não somente pela criança, mas também pela sociedade circundante que lhe serviu de modelo linguístico natural, é inaceitável e deveria ser rejeitada. Ela empreende então um esforço de desenraizamento que só ter êxito (imperfeito, aliás) junto a uma minoria de crianças. Tal tentativa corre de conduzir ou à alienação social do indivíduo, ou a uma rejeição maior ou menor e mais ou menos explícita da escola por parte das crianças e particularmente dos adolescentes.

E ainda sobre o modo como se deixa de lado os conhecimentos prévios, na forma como é tratada a Língua, como uma entidade de maior dimensão que só pode ser entendida pelos intelectuais e não pelos sentidos. Como declara o biólogo divulgador científico americano Stephen Jay Gould (2001, p. 65), ao comentar essa atitude,

[...] ainda carregamos o peso de um legado que vem dos tempos de Platão, uma tendência a abstrair um ideal isolado ou média como a ‘essência’ de um sistema e dar pouco valor ou ignorar a variação entre os indivíduos que constituem o todo da população.

Parafrazeando Marcos Bagno (2002, p. 23), na verdade “língua” como “essência”, não existe, o que existe são seres humanos que falam ela, que usam ela e falam de diferentes formas, são variações da Língua.

A língua é concreta como os seres humanos que se servem dela, devemos quebrar essa ideia e passar a ver de forma que ao invés de colocarmos nossas reflexões sobre um plano abstrato – Língua – passaremos a utilizar um plano concreto – os falantes da Língua. Dessa forma, passaremos a olhar para a Língua de acordo com o processo histórico, social e cultural em que ela se encontra, isto significa que daremos importância para tudo isso, relacionado à seus falantes e escritores, daremos no entanto, enfoque aos seus usuários que utilizam-se da mesma de acordo com suas intenções e vivências.

### **3.3 Letramento no ensino da Língua Materna**

Ao adotar através das noções de alfabetização, um aprofundamento e amplo sentido disso, surge o Letramento, que é levantado por muitos estudiosos a partir do ensino da Língua Materna, na posição em que se deixe de ver a Língua como um objeto em si e passe a ser vista como um produto heterogêneo passa-se então, a pensar numa pedagogia centrada não só no código como no uso, onde os alunos passarão a ser, seres marcados pela variedade linguística.

O papel da escola é formar cidadãos que possam se utilizar da língua oral e escrita para se posicionar na sociedade, construindo e a transformando.

A língua é uma atividade social, a qual é produzida numa relação comunicativa em que se utiliza verbalmente para expor a comunicação, seja ela falada ou escrita, e nessa relação conjunta entre os falantes, surge a tão discutida noção de que, assim como se encontra em Marcuschi (2000), citado por Bagno (2002, p. 24), “A língua tem aspectos estáveis e instáveis, ou seja, ela é um sistema variável, indeterminado e não fixo. Portanto, a língua apresenta sistematicidade e variação a um só tempo”.

É o que estamos discutindo desde o início desse estudo, pela língua ser um instrumento do falante e estar sujeita as circunstâncias nas quais ela se encontra, talvez isso faz da prática da interpretação, uma atividade fundamental da vida humana e da interação social.

É nesse cenário que surge às novas práticas educacionais e pedagógicas que entendem que os alunos, têm que ser e devem ser capazes de usar da leitura e da escrita para ir além do ato de apenas ler e escrever.

Sabendo que a Língua é uma atividade social, devemos saber que a mesma não é apenas um instrumento, mas o processo e o produto, não é um instrumento acabado e pronto, mas algo que se recria ao ser utilizado, como afirma Bagno (2002, p. 26), “A língua é uso e também resultado do uso”. Na medida em que a língua é usada, a mesma se inova e se constrói. Para isso, é necessário entender que no ensino da mesma o fato de interpretá-la deve ser estimulado desde muito cedo, no início da fase escolar do aluno, mesmo porque ela já é praticada em toda sua vida como já falamos, o que envolve o processo social e interacional em que o aluno vive.

Assim, é partindo dessas ideias relacionadas ao ensino da Língua Materna, no nosso caso da Língua Portuguesa, sob a perspectiva do ensino tradicional que, acredita-se que a Língua vista nessa concepção, se resume em norma culta, numa gramática isolada e despreza-se o “texto”, o aliado incontestável do Letramento. Nas escolas entende-se o ensino de Língua Portuguesa atrelado a gramática tradicional por acreditar que ela traz a verdade incontestável, perfeita, que deve ser seguida a risca para se obter um resultado esperado. É por causa disso, que as gramáticas descritas e prescritas na norma padrão fogem do uso real e das variedades que a Língua Portuguesa tem aqui no Brasil. Usa-se o dicionário e a gramática que são acreditados como as únicas e corretas formas do uso da Língua.

O que podemos destacar em todo o estudo da Língua é a influência de fatores sociais enraizados nas suas formas de uso. Numa sociedade em que as relações sociais são marcadas pelas classes econômicas, na verdade a Língua tornava-se direito de uso para poucos e assim sendo, poucos a utilizavam da forma pela qual, acreditava-se ser a certa, assim eram discriminados escravos, mulheres, e nesse contexto era impossível exercer a cidadania. Desta forma, a democracia servia para poucos e o mesmo acontecia com a Língua que acabava comandando a vida dos outros.

E devido ao uso dessa Língua ser para poucos, partiu daí, a instituição da Língua Padrão, que se tornou o modelo ideal e todos os demais usos teriam que se ajustar a ela. E nesse cenário, chegam solidificados diversos preconceitos linguísticos que estipulavam o uso da Língua de acordo com a nobreza.

O que podemos observar até hoje é que isso não deixou de acontecer, na verdade esse e outros motivos nos afastam dessas regras obrigatórias. E o que dizer sobre isso? Queremos dizer que antes de qualquer uso dessa Língua deveria ser levado em conta quem a utiliza,

como uma reflexão acerca de suas colocações e de seus usos. Parafraseando Marcos Bagno (2002, p. 29), no fim do século XX, o gramático e filósofo Evanildo Bechara dizia que devemos levar o aluno a “falar melhor com os melhores” (1999<sup>a</sup> p. 70). E quem são os melhores levando em consideração todo o processo social e histórico do falante? O que podemos dizer é que as variações ocorrentes na Língua, sejam, pela mistura de classes que acabam por formar um novo uso, devem ser conscientizadas de que não se podem considerar os termos, como certos ou errados.

Embora a gramática Tradicional seja considerada lei, é necessário atribuir a ela um parágrafo questionador quanto a sua prática reflexiva, e isso vem a ser proposto no Letramento, porque sem dúvida é necessário uma reformulação da Língua Padrão para que se aproxime da Língua real culta, falada e escrita no Brasil.

Por ser a Língua uma atividade dinâmica e histórica utilizada na relação entre indivíduos e grupos e nessa relação há uma cumplicidade entre o falante e a realidade, fica mais interessante utilizar e chamar a atenção dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa para as variações sociolinguísticas, deixando de ser a sala de aula um lugar rígido e exclusivo para a Língua de maior prestígio social e se tornando um lugar vivo e repleto de diversos usos.

Temos então, novos e objetivos desafios, o de fazer com que nossa sala de aula seja um lugar onde reine a multiplicidade da Língua, já que cada vez mais ela vem sendo difundida pelos meios de comunicação: como televisão, telejornais, documentários, entre outros. O nosso maior objetivo com esse estudo é reconhecer e valorizar a multiplicidade de variações que geram sentido de destaque na potencialização de seus usos.

A partir de todo o estudo em torno da Língua, devemos esclarecer qual será seu objetivo mediante ao ensino da mesma, porque o que hoje observamos na prática, é que é dado um prestígio a uma língua que recebe o nome de Norma Padrão, identificada como Português, e é nesse sentido, que destacamos que a mesma é antiga e tradicional, onde há necessidade de substituí-la por uma mais atualizada, na ideia de que o papel da escola não seja só “ensinar gramática”.

Concluindo assim o surgimento desse novo conceito que está associado à linguística aplicada e a educação, chamado Letramento, que assim define Soares (1999, p. 3), letramento é, “estado ou condição de quem não só saber ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”. E segundo Soares (1998, p. 17), está implícito, “a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la”.

Desta forma, o ensino de Língua Portuguesa deve ter o objetivo de fazer com que o aluno adquira o Letramento em nível elevado, ou seja, fazer com ele tenha possibilidade de desenvolver as habilidades melhores e maiores possíveis para que ele possa de forma eficiente utilizar a leitura e a escrita. E sobre isso, é necessário lembrar que nada adianta ensinar algo a alguém que o mesmo nunca irá utilizar, assim é necessário ensinar a ler e a escrever desde que sejam dadas as possibilidades para o exercício e a prática dessas habilidades de forma criativa e eficiente.

Na realidade, o ensino de Língua tem se restringido a ensinar a escrever e ler sobre métodos tradicionais, pelos quais a criança começa a passar, desde então a mesma tendem a encontrar um processo que se estende durante anos, com exercícios prontos e áridos de classificação morfológica, com frases sem sentido e totalmente fora de contexto, que não têm nenhum uso na sua vida e na formação como cidadão.

Segundo Soares (1998, p. 18), “nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita”.

### **3.4 As ideias de Letramento no ensino de Língua sob a visão de Gêneros Textuais**

É essencial que as ideias de ensinar a ler e a escrever estejam entrelaçadas ao desenvolvimento mais amplo dessas habilidades e não só ao simples fato de ensinar a ler e a escrever, só por ensinar, ou seja, só alfabetizar. As aulas de Língua Portuguesa não devem ser só o estudo da gramática, no lugar da decoreba deve-se ter a aplicação de leituras diversas de textos relacionados com o real, pois segundo Possenti (2001, p. 143-144), “escrita constante, várias vezes por dia, todos os dias: narrativas, cartas, etc. Muita leitura e muita escrita, simplesmente porque é assim que se aprende”.

Quando se fala em letramento, logo se lembra de gêneros textuais, porque uma coisa liga e explica a outra, e é em favor disso que Marcuschi (2001), citado por Bagno (2002, p. 54), fala que, “a língua se dá e se manifesta em textos orais e escritos ordenados e estabilizados em gêneros textuais para uso em situações concretas”, o que significa que estudar a Língua isolada em processos gramaticais deve ser esquecido para favorecer a aprendizagem que leve em conta as experiências da língua, que são os textos, ou melhor dizendo, os gêneros textuais. E aí sobre gênero, Marcuschi (2001, p. 42-43), explica que gênero é,

uma forma textual concretamente realizada e encontrada como texto empírico, materializado. O gênero tem existência concreta expressa em designações diversas, constituindo em princípio, conjuntos abertos. Podem ser exemplificados em textos orais e escritos tais como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, índice remissivo, romance, cantiga de ninar, lista de compras, publicidade, cardápio, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, debate, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, fofoca, confissão, entrevista televisa, inquirição policial, e-mail, artigo científico, tirinha de jornal, piada, instruções de uso, outdoor, etc. Os gêneros são formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas. Sua definição não é linguística, mas de natureza sociocomunicativa, com parâmetros essencialmente pragmáticos e discursivos.

E assim o ensino de língua visto nas escolas desde muito tempo e até os dias de hoje não leva em conta na maioria das vezes os gêneros textuais que existem no universo da vida dos alunos, querendo apenas portar-se ao ensino ao escrito literário de maior dominância na sociedade, enfatizando ainda o preconceito com a Língua falada, que para muitos não é considerada uma boa maneira de utilizar, sendo entendida como uma prática que não segue os padrões tão exigidos para o ensino de língua. Desta forma, queremos ressaltar que erroneamente se pensa assim, já que as práticas orais ampliam o conceito de Letramento.

### **3.5 Uma breve discussão sobre um novo modelo de Letramento**

Por falar em Letramento como víamos falando até agora, é interessante ressaltar que o mesmo possui diversos modelos e que um surge recentemente segundo os avanços da tecnologia da informática, que inclui o interesse de uma comunidade tecnológica que vive esse modelo, é o chamado Letramento digital, que faz da tela do computador um novo portador de diferentes e diversos textos, ou melhor, gêneros textuais, onde desempenham um papel importante no que diz respeito às novas formas de aprendizagem voltadas para os comportamentos sociais relativas à linguagem oral e escrita e atraindo-os para as novas formas de interpretação dos fenômenos da língua.

Em relação às atividades da escola, as práticas escritas se resumem a produções textuais como prática de redação, algo que acaba não ultrapassando a escola, e deixa de ressaltar as produções orais, deixa-se de lado a função sociocomunicativa, e a escola acaba perdendo com isso, desde o momento em que deixa de dar importância aos fatores que contribuem para a produção do texto, que são resumidas nas condições que circundam quem faz a produção e os motivos e causas que o faz escrever.

No que diz respeito às concepções do ensino de Língua, as práticas orais têm a mesma importância das escritas. Parafraseando Soares (1999, p. 4-5), os objetivos do ensino de Língua devem promover práticas de oralidade e escrita; obter habilidades de uso da língua escrita em situações de discursos, tendo motivações para ler os textos e para produzi-los; criar situações para que os alunos reflitam sobre os textos que leem, escrevem, ouvem e falam e, sobretudo, buscar as habilidades de interação oral e escrita e aproveitar o letramento que o aluno já traz no seu convívio familiar e cultural.

O Letramento se caracteriza numa nova proposta de ir além das práticas de leitura e escrita, onde a gramática deve ser colocada para outro nível de importância. Nessa concepção, eu não poderia deixar de colocar um grifo meu quanto aos exames nacionais de avaliação que seguem em todo o Brasil para medir os níveis de aprendizagem das crianças que ainda não seguem a visão do letramento, onde cobram a gramática pura e rígida caracterizada pelo ensino da Língua tradicional e que acabam promovendo os índices de fracasso escolar.

Portanto, nesse estudo trazemos uma abordagem de uma visão que não dar mais espaço ao ensino da gramática normativa como regra geral para o ensino de Língua Portuguesa, mas lançamos mão das novas tendências do ensino que consideram as condições em que a língua se encontra para formar suas práticas. O objetivo é quebrar a ideia de língua como código ou norma para ser a linguagem no sentido universal de interação e de potencialização dos sentidos. Isso sim pode ser considerada uma educação linguística.

E quanto ao ensino da mesma e a formação para o ensino dela, deve-se lembrar que não pode resumir-se ao ensino da norma padrão, mas focar no conhecimento dinâmico da língua em todo o seu amplo campo e com todas as suas variações, além de aprofundar-se no conhecimento dessa variação e de suas consequências sociais, não para atribuir valor e prestígio das formas que apresentam as classes dominantes, mas para o estudo daquilo que envolve o aluno que chega na escola com um conhecimento peculiar de sua língua segundo seu convívio e cultura.

### **3.6 O Letramento e suas múltiplas dimensões na prática educativa e no ensino da Língua Portuguesa**

Na verdade o que podemos falar hoje sobre Letramento no ensino é que muito se fala e pouco se vê na prática, é evidente que o ensino se baseia no sistema que vislumbra aqueles currículos completos e cheios que a escola deve cumprir. Na realidade a sociedade que molda



as formas de uso da língua. Mas, não necessariamente uma ou outra tem poder de destaque sobre as demais ou deve ser enaltecida como se faz, com aquela a qual possui uma língua e tem um poder dominante sobre as demais. Apesar de termos que destacar o avanço da apropriação da escrita para muitas sociedades, não podemos deixar que, se tornem centro dos estudos e vivências restritas em sala de aula.

O iletrado passa a ser um ser dominado, que vive no mundo da vergonha, da culpa, da deficiência e que não consegue exercer seu papel na sociedade. E muito se fala sobre o mundo do iletrado com argumentos cada vez mais excludentes.

Se voltarmos para o que dizem Apple e Nóvoa (1998), quando falavam sobre Analfabetismo, instruindo dados à história da Educação e de adultos. Em 1965, no Congresso Mundial dos Ministros da Educação, em Teerã, falavam sobre a extinção do Analfabetismo e começaram a usar o termo Alfabetização Funcional, que em seu conceito, atribuía a uma pessoa que além de saber ler, escrever e contar sabia também, de conhecimentos gerais. Depois, a Unesco define o iletrismo, equivalente a analfabetismo para os países de primeiro mundo e analfabetismo para os países de terceiro mundo que sabiam ler e escrever sua língua materna. São pessoas definidas como incapazes de exercer atividades que competem à alfabetização para sua interação com seu grupo e sociedade.

Anos depois em 1980, o Grupo Permanente de Luta contra o Iletrismo (GPLI), discute e define em 1991 a condição do iletrado, segundo Lahire (1999), citado por Silva e Colello (2003, p. 12), a “Falta de domínio suficiente de saber de base tendo dificuldade em comunicação com o outro, dificuldade em utilizar contas matemáticas, em que se situar geográfica e historicamente”.

Os termos, iletrado e letramento vão tomando cada vez mais os campos de estudos e as reflexões sobre o papel da escola e do professor, para atender aos objetivos dos mesmos no trabalho com textos, que devem servir para funcionar na sociedade. Desta forma, segundo Lahire (1999), citado por Silva e Collelo (2003, p. 12),

São consideradas como relevantes às situações de iletrismo das pessoas com 16 anos que não dominam bem a escrita em face às exigências mínimas requeridas por sua vida profissional, social, cultural e pessoal. As pessoas que são alfabetizadas dentro das escolas, e que saem do sistema escolar sem adquirir os saberes primeiros por razões sociais, familiares ou funcionais.

No Brasil, o termo Letramento, parafraseando como explica Soares em 1998, apareceu associado ao fenômeno da superação do analfabetismo em uma sociedade que valoriza muito a escrita, e a partir daí na medida em que o analfabetismo vai sendo superado vão aparecendo

mais e mais pessoas que sabem ler e escrever, e isso foi fazendo com que a sociedade se torne cada vez gráfica, e um novo ponto vai se evidenciando o fato da importância de ir além de aprender a ler e a escrever.

Na verdade, as pessoas que se alfabetizam e aprendem a ler e a escrever não necessariamente desenvolvem as práticas de leitura e escrita envolvendo-as em práticas sociais e isso ganha destaque quando se passa a ver que não bastava aprender essas habilidades, mas entrelaçá-las à outras alternativas, mais amplas de leitura e escrita.

Ainda preocupada com as implicações pedagógicas da prática escolar, Kleimam em 1995, define duas concepções de Letramento. O Modelo Autônomo, considerando que a escrita é uma lógica em si independente do contexto de produção, que dá um caminho único ao desenvolvimento das habilidades e aprendizagem do sistema, e o Modelo Ideológico, que associa as práticas de letramento à cultura e à estrutura de poder da sociedade, que considera seus resultados de uma prática compartilhada de assimilação de significados e práticas culturais. É importante destacar que por um lado isso evidenciou a conquista da escrita que não está só associada ao conhecimento das letras e do funcionamento do sistema, mas por outro acaba se descobrindo que a pouca apropriação com a Língua facilitou os processos de exclusão social.

O que se comenta muito é o fato de entender que ninguém adota o Letramento no seu sentido amplo, e na verdade entende-se que as práticas de leitura e escrita não desenvolvem habilidades além do ato de apenas escrever e ler. Na realidade, ninguém está ou nunca teve acesso as letras, o que pode-se dizer, é que ninguém está fora dela ou totalmente dentro, porque é necessário compreender as funcionalidades da mesma em seus diversos graus de eficiência.

Muitas vezes a escola está longe dos sentidos relevantes aos olhos do sujeito aprendiz e passa por cima sem dar importância colocando o sujeito sobre os objetivos tradicionais de ensino sistemático e normativo e amplia esse ensino a um padrão autoritário que impõe verdades e sem querer gera um analfabetismo de resistência, que caracteriza o aluno na escola como um estranho, sem identidade e com medo das letras que representam um árduo e cansativo ensino.

Longe de ensinar aquilo que possibilitasse ao aluno o sentido do seu dizer, a escola trazia um ensino daquilo que era e é estranho para o aluno, fazendo assim, diminuir seus modos de expressão e interação ou até mesmo o estímulo ao aprender, que acabavam por fim justificando os índices e níveis de analfabetismo nas escolas e promovendo a exclusão dos alunos.

Nos anos 60 e 70, onde a Pedagogia Tradicional obtinha práticas alienadas ao ensino independente do aluno, acaba sendo muita criticada por Paulo Freire, onde desde então os argumentos a favor dos sujeitos aprendizes começaram a ter mais destaque. Nos anos 90, a compreensão ao processo de letramento permitiu entender duas vertentes: a aquisição do sistema de escrita e a efetiva possibilidade de uso no contexto social. Assim como destaca Soares (1998), citada por Silva e Collelo (2003, p. 13), “Mais do que conhecer as letras, as regras ortográficas, sintáticas ou gramaticais, o ensino da escrita requer a assimilação das práticas sociais de uso, contribuindo para a conquista de um novo status da sociedade”.

Há uma grande necessidade de revisar as práticas de ensino de Língua e nesse contexto, Kramer (In Zacur, 1999), defende a leitura e a escrita como uma atividade de experiência, dando possibilidade para viver, pensar e compartilhar, com a tentativa de superar o tempo imediato. Sem a experiência o ensino tende a resolver exercícios de pouco pensar e de desconsideração da mesma atribuindo assim às razões que ratificam as desigualdades sociais.

Quando falamos em ensino, antes de tudo, há a necessidade de aprender o conceito que se tem sobre aprendizagem, quando a mesma é considerada linear e cumulativa, que segue o processo de soma das informações dadas ao aprendiz. Ao passo disso, a escola acaba se distanciando das práticas significativas para atender ao esforço da sistematização para o restrito e rígido ensino que acaba adotando práticas e atividades artificiais e sem sentido.

No processo da escrita, o ensino fica restrito ao exercício motor da língua. A língua acaba tomando uma posição em meio às regras e normas. Isso por ventura é criticado e substituído pelas práticas de transformação das escolas, que já estão com princípios confusos onde os saberes determinados a serem ensinados talvez não sejam os desejáveis, como muitos alunos que aprendem a ler, mas não gostam da escola, que não desejam o conhecimento.

### **3.7 Alfabetização x Letramento ou seria Alfabetização e Letramento?**

Depois de tanto considerar os fatores que atribuem ao ensino um fracasso quanto aos processos de leitura e escrita, podemos definir em diversas linhas o termo letramento, na tentativa de diferenciá-lo de alfabetização, pois enquanto a mesma se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou por um grupo, o Letramento, segundo Tfouni (1995, p.20), “focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

E ainda é o estado de quem usa as habilidades de leitura e escrita para exercer as práticas sociais.

Geralmente se confunde os termos alfabetização e letramento, o que podemos dizer é que, um tem relação com o outro, e que apenas devemos separá-los quanto ao seu abarcamento. Se dissermos que a alfabetização não tem ponto final, que nela há um processo contínuo, então podemos dizer que esse é o Letramento. Portanto, podemos levantar algumas colocações sobre esses termos referentes às desigualdades de alfabetizado para letrado, como coloca Magda Soares (2003, p. 47), em seu livro “Letramento: um tema em três gêneros”, quando exemplifica que o texto pode mostrar como um aluno pode ser analfabeto, mas, no entanto, ele pode ser letrado, apesar de não ter aprendido a ler e a escrever, ele utiliza a escrita para escrever cartas através de outro indivíduo alfabetizado, onde o analfabeto dita seu texto e deixa de lado todos os recursos da língua para fazê-lo e onde não serão utilizadas suas particularidades. Logo, esse indivíduo é letrado, mas não com o grau devido, e sim com sua experiência de vida em uma sociedade que vive a escrita.

Também encontramos pessoas que sabem ler e escrever, mas que não conseguem interpretar texto nenhum, nem conseguem escrever uma carta ou qualquer outro tipo de gênero, daí constatamos que existem diferentes níveis de Letramento, que estão ligados diretamente às necessidades e exigências da sociedade e de cada indivíduo no seu meio social.

Nesse ensino voltado para o Letramento, o educador tem um papel fundamental, pois é ele que inicia esse processo e é dele que deve partir as posições críticas e reflexivas sobre isso. Como diz Paulo Freire (1990), citado na adaptação do texto de Peixoto, o ato de aprender “é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. Isso não remete apenas ao educando, mas também ao educador que deve estar sempre se aprimorando, buscando novos saberes e inovando reflexivamente suas práticas.

Hoje, o ensino tem que, se pautar em novas reflexões que são sumariamente importantes as práticas de sala de aula tanto para a formação do aluno quanto para a do professor, como diz Freire (1990), citado na adaptação do texto de Peixoto, “o modelo fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” e, “quanto mais inquieta for a pedagogia, mais crítica ela se tornará”. O letramento é um fenômeno social, logo é importante uma intervenção para que ele aconteça em seu amplo sentido, porque saber ler e escrever não constituem um estado de quem é capacitado para a leitura diversificada, e é onde surge a necessidade de letrar os sujeitos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Não há como se cristalizar o conhecimento já que o mesmo é dinâmico e contínuo, esse é um exemplo de letramento. Devemos concluir que o papel do professor será de fundamental importância, mas que não cabe a ele o fracasso dessa formação de indivíduos absolutamente letrados, pois isso implica o fato de o “professor não ser um representante pleno da cultura letrada, nem das falhas num currículo que não instrumentaliza o professor para o ensino” (KLEIMAN, 1995, p. 47), pois isso, já está enraizado num sistema padrão de ensino ao qual ele deve seguir.

A promoção do Letramento só se dará quando estivermos conscientes de que o processo natural do aluno é massacrado pela escola diante de equívocas práticas de ensino.

Hoje, jamais se valoriza o ensino da leitura e a escrita pelo simples fato de aprender isso, mas sim pela necessidade de adotá-las as práticas de cidadania. Estão aí as definições do que na prática observamos sobre alfabetização e letramento, tal como Soares valoriza ao passo de não apenas expor a oposição desses termos, mas indicar a qualidade que esses conjuntos de práticas representam para o sujeito,

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos” (IN RIBEIRO, 2003, p. 91).

Ao se falar sobre as concepções novas de Letramento e sobre as ligações que relacionam-se à Alfabetização, existem na verdade dois embates um conceitual e o outro ideológico. No que diz respeito ao conceito acrescenta Emília Ferreiro (2003, p. 20),

Há algum tempo, descobriram no Brasil que se poderia usar a expressão letramento. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica.

Emília Ferreiro mostra-se em oposição ao novo termo que envolve um estudo da Leitura e da Escrita sobre uma ampla atividade que vai além dos textos, mas que envolve-se com as práticas sociais, para ela isso não está errado, mas simplesmente já existia e apenas tomou um novo nome. Ela assim como muitos outros estudiosos tem seu trabalho e seus

estudos voltados para às práticas significativas e relacionadas às funções sociais, o que apenas desta sua oposição, é uma simples questão de conceito.

Embora, que para muitos esse elo entre esses termos seja quase que impossível, Soares (2003, p. 90), define chamando atenção para a distinção terminológica,

Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele.

É, portanto, onde se observa a questão conceitual que às vezes define as classificações dos termos e tornam-se verdadeiramente conceituados e na homogeneidade desses conceitos que se encontra o educador no desafio em face ao ensino de Língua: o alfabetizar letrando.

O modelo Autônomo, parte do princípio que a Língua tem uma autonomia e que pode ser compreendido por um processo único que não precisa ser ligado ao contexto do aluno, mas que deve seguir o padrão de elite, que é a norma culta, das civilizações de mais destaque. Essa prática torna-se dominante e excludente, trata-se de uma metodologia tradicional e autoritária, que usa a língua para desconsiderar o aluno e enfatizar e provocar o fracasso escolar, algo que já discutimos muito nesse trabalho.

Entretanto, o Modelo Ideológico admite as práticas letradas diversas, utilizando do aspecto cultural e social no contexto da produção. Esse rompe com a divisão entre o momento de aprender e o momento de fazer uso da aprendizagem. Nesse caso, os estudos linguísticos proporcionam uma dinâmica de aprendizagem significativa no aprender, no usar, no fazer e no descobrir a escrita.

### **3.8 A importância de aprender a Ler e a Escrever**

Nas relações sociais, fica claro a necessidade do uso da linguagem para as relações e interações que acontecem na sociedade, isso caracterizar-se não necessariamente, como papel ou até interesse único da escola, mas como atividade para a formação do indivíduo que possa utilizá-la de forma significativa na sua atuação na sociedade. Parafraseando Emília Ferreiro

(2001), a nossa escrita é muito importante, porque precisamos dela não só dentro da escola como fora dela.

Podemos até falar nos índices de analfabetismo devido às más práticas de Letramento, por isso, há necessidade da reflexão para abordar métodos significativos que combatam os índices de analfabetismo apontados por todo o país e que já discutimos mais acima. E quando alfabetizados, acabam sendo indivíduos sem possibilidades de interpretar outros gêneros e até mesmo utilizar-se da oralidade para colocar-se na sociedade.

Por que tantas crianças acabam por desistir de aprender a ler e a escrever? Por que é tão difícil envolver-se completamente nas múltiplas atividades que a leitura e a escrita proporcionam?

Podemos deixar de lado as velhas respostas para essas questões, que atribuem no aluno todo o fracasso e começar a apoiarmos enfatizando o processo de acompanhamento do aluno e estabelecer um processo de compreensão entre ele e a língua, da qual o mesmo tem tanto medo. Para essa mudança é necessário, a escola considerar dois fatores: lidar com os recursos da língua, utilizando-se dos diversos moldes para fazê-la e considerar a reação do aprendiz, o que tem significado para ele, e já parafraseando (CARRAHER E SCHILEIMANN, 1989; COLELLO, 2003; COLELLO E SILVA, 2003), porque de nada vale aprender por aprender para depois ver para que serve.

Podem ser que aconteçam momentos em que os alunos se rebelem contra as formas diversas do fazer do professor atrelado ao letramento, sem dúvida, se isso acontecer, é evidente a importância de uma abertura para um diálogo de compreensão que objetive o uso desse método. Se os alunos de uma turma se recusarem ao uso de bulas de remédio na sala, com certeza os mesmos tem suas visões, que devem ser esclarecidas, pode ser que alguns não tenham acesso ao médico, não conheçam os termos técnicos da medicina e talvez achem que a atividade tenham o interesse apenas de fazer o que está só escrito ali e não de envolvê-los numa experimentação que pode ser vivenciada na prática da língua como aliada para esse processo.

### **3.9 Oralidade e Escrita**

Ao falarmos sobre as práticas de leitura e escrita, não podemos deixar de destacar a oralidade como uma tarefa fundamental para o Letramento e segundo alguns autores essa

prática quase sempre é deixada de lado, Freire, (2002); Geraldi, (1995); Kleiman, (2005); Matêncio, (2002).

Deixa-se as práticas comunicativas orais para fortalecerem o predomínio da escrita como única forma de comunicação, sem colocar-se consciente das habilidades desenvolvidas na leitura e na escrita.

A escola, por um lado, transforma a oralidade de seus alunos, especificamente, através da introdução do código da escrita, tanto superimpondo marcas formais da fala letrada (particularmente, a fonologia e a morfologia), complementares às de outros registros, em outros contextos, (cuja funcionalidade fica assim restrita ao contexto de sala de aula), bem como acrescentando alguns gêneros para descrever tarefas independentes do contexto (MATÊNCIO, 2002, p. 182).

E não é apenas na escola que essa prática oral vem sendo deixada de lado não, mas também no convívio que os educandos podem ter. Na sala de aula, geralmente as práticas orais são apenas para os conteúdos abordados, e quando utilizadas, assim restringe o sentido do diálogo que é a verdadeira ação comunicativa.

Seguindo as ideias defendidas por Macedo, que “língua dos alunos é o único meio pelo qual podem desenvolver sua própria voz, pré-requisito para o desenvolvimento de um sentimento positivo do próprio valor” (MACEDO, 2002, p. 99), visualizamos a necessidade de mudanças no âmbito educacional. A sala de aula deve estar aberta para o convívio dos alunos e para o exercício da oralidade no diálogo sobre sua vida cotidiana, que pode desenvolver as estratégias do ensino de Língua. Há de imediato a necessidade de atribuir ao aluno à postura de participar de sua aprendizagem e cortar tudo aquilo que é seguido como único transmissor de conhecimento.



## **4 METODOLOGIA**

Este trabalho teve como metodologia, uma pesquisa bibliográfica baseada no estudo histórico e crítico de autores como: Bagno, Stubs e Gagné (2002); Marcuschi (2001, 2002); Soares (1988, 1998, 1999, 2003, 2004); Possenti (2001); Nóvoa e Apple (1998); Lahire (1999); Kleimam (1995, 2005); Kramer (in ZACUR, 1999); Tfouni (1995); Freire (1993, 1999, 2002); Ribeiro (2003); Geraldi (1995); Matêncio e Macedo (2002); Cegalla (2005); Emília Ferreiro (2001, 2003), entre outros, os quais serviram de referencial teórico para o embasamento das ideias colocadas aqui, tanto no que se refere ao ensino de Língua nas escolas quanto na sua transição com o passar dos anos e à implementação das práticas de ensino correlacionadas ao Letramento. Além da pesquisa bibliográfica, nos detemos também a um estudo de caso, cujo instrumento metodológico foi referenciado pelas experiências de professores das séries iniciais, os quais foram entrevistados e em meio às suas falas, fomos fazendo anotações que concretizavam as intenções das questões propostas. Neste estudo, através das experiências foram entrevistados oito professores que fazem parte da rede Estadual de Ensino da Paraíba, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Stella da Cunha Santos, localizada na cidade de Sapé-PB. Assim, todo o estudo construído acerca dos autores e das experiências dos professores teve um caráter crítico sobre o ensino da Língua Portuguesa, em meio às práticas do Letramento e serviram como dados para a fundamentação e a apreciação das discussões e perspectivas realizadas nesse estudo.

### **4.1 Estudo de experiências com professores das séries iniciais acerca de suas práticas quanto ao ensino de Língua ligadas ao Letramento**

Para apresentar algumas concepções de professores em meio às práticas do ensino de Língua e o Letramento, partimos para a metodologia da análise de dados concedidos a partir de entrevistas feitas com os docentes da rede Estadual de Ensino, professores das séries iniciais da Escola Estadual de Ensino Fundamental Stella da Cunha Santos, localizada na Rua: Napoleão Laureano, Centro, Município de Sapé-PB.

Foram entrevistados oito professores que lecionam entre as séries de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, os quais responderam algumas questões acerca de suas metodologias quanto ao ensino de Língua e o Letramento. Entre as questões, destacamos: as ideias de

letramento, as ideias de alfabetização, Como os mesmos trabalham com esses conceitos em sala de aula? Quais os materiais didáticos utilizados para essas práticas? Quais as formas de avaliação desse processo? Como é o estímulo por parte da equipe pedagógica da escola quanto ao planejamento e o trabalho voltado para o Letramento?

Os professores pertencem em parte ao quadro efetivo da escola e em parte ao quadro de prestação de serviços. Todos são formados e possuem cursos de habilitação nas áreas de ensino, que versam entre os cursos de Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia Institucional ou Gestão Escolar.

Na maioria das respostas os professores fazem ligação dos termos Alfabetização e Letramento como ideias que se completam e atribuem à suas aulas a utilização de atividades lúdicas (jogos educativos), de gêneros textuais, exposições orais e argumentativas. E segundo os mesmos, a escola em nome da equipe pedagógica incentiva o interesse pelo estudo e pelas práticas de Letramento em sala de aula.

Nas atividades citadas pelos mesmos, podemos destacar o uso dos gêneros textuais, como: cartas, revistas, cartazes, notícias, bulas de remédio, sinais de trânsito, entre outros. Segundo os professores, o trabalho é feito de forma contínua e a avaliação dos resultados é feito sempre ao fim de cada ciclo, durante o ano, vale ressaltar que os mesmos professores participam do PNAIC, Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, e a partir dele, constroem suas ações docentes.

Segundo a professora, Luzimar de Souza Silva (2013), “é nos encontros pedagógicos de formação que são apresentadas de forma lúdica e eficaz as alternativas de se trabalhar o Letramento”.

Na maioria das respostas constatamos que apesar de conceitos definidos meio que confusos, os professores começam a tomar consciência das ações que se refletem no processo de ensino e aprendizagem, e que a Língua começa a ser ensinada, vivenciando o conhecimento prévio dos alunos e suas relações sociais, atribuindo a esse cenário mais atitudes de elevação de um amplo sentido das habilidades de Leitura e Escrita. Concluímos que não se ensina apenas a ler e a escrever, mas a reconstruir isso e utilizar para o uso na vida.

Embora muitos professores ainda se recusem a adotar essas práticas, devemos ressaltar que muita coisa já mudou em relação a isso e que a tendência é formarmos leitores para a vida e escritores para o seu uso e aprendizado, e não só para a escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então a leitura e a produção de textos (orais e escritos) devem ser o ponto de partida para o ensino de Língua e como afirma Macedo (2002, p. 105), a produção e “a leitura de um texto exige agora uma leitura dentro do contexto social a que ele se refere”. Alguns autores sugerem o uso de práticas pedagógicas que priorizem a leitura crítica por parte dos alunos, visto que os textos cumprem também uma função ideológica.

Acrescenta sobre isso Freire (1993, p. 111),

Como contexto prático-teórico a escola não pode prescindir de conhecimentos em torno do que se passa no contexto concreto de seus alunos e das famílias deles. De que forma entender as dificuldades durante o processo de alfabetização de alunos sem saber o que se passa em sua experiência em casa, bem como em que extensão é ou vem sendo escassa a convivência com palavras escritas em seu contexto sociocultural?

O Letramento revela no termo letrado, assumido no Brasil, entendido como qualidade da pessoa “versada em letras”, que é “erudita, culta, profundo conhecedor de literatura” (CEGALLA, 2005, p. 537). A partir disso, entendemos que letrar é uma atividade que vem depois da apropriação da leitura e da escrita, já que é preciso saber ler e escrever para ser versado em letras, e isto acaba por enraizar o preconceito sobre as classes sociais que não tem acesso a cultura escrita das classes elitistas.

O que no caso deve acontecer são políticas públicas que modifiquem essa visão e passem a atribuir a todos o acesso à leitura e a escrita, como práticas normais e cotidianas, segundo a democratização das condições de acesso. Segundo Soares (1988, p. 21):

[...] enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimento, de experiências, as classes dominadas, a veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida.

Em outras palavras, enquanto que para as crianças de classes menos favorecidas for dado o direito meio que invertido de que devem aprender a ler e a escrever para terem um bom emprego, ser alguém na vida, em contrapartida é dado o direito as crianças de classe social elitista, de aprender a ler e a escrever simplesmente para apreciarem um poema, ler uma receita de bolo para a mãe, apreciar um jornal, entre outras coisas. Enquanto que para a

primeira classe, a língua é atribuída como uma abstração, para a segunda existe um ensino que promove o conhecimento de suas funções e de seu uso, desta forma se isso continuar não teremos na realidade a concretização das práticas do letramento como aliadas aos avanços da aprendizagem para todas as crianças e adultos do nosso país.

No Brasil, os conceitos de Letramento e alfabetização se confundem e se mesclam, se superpõem, assim entende-se um progressivo conceito que enfatiza esses dois termos, o fato de saber ler e escrever e o ato de ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita.

Na tentativa de discutir sobre Letramento, sempre surge a alfabetização que está enraizada nas definições e que de forma inconveniente, traz uma inadequada fusão desses dois processos, mesmo que diferenciando uma da outra há sempre uma prevalência para o Letramento, que tem apagado um pouco a alfabetização.

O ensino da Língua segue por etapas de avaliação promovidas pelos órgãos nacionais e estaduais para avaliar o processo e o nível em que se encontram os alunos. No ensino fundamental isso sempre acontece e no estudo e ensino da língua é uma das coisas mais cobradas. Essas provas denunciam a capacidade dos alunos na formação de leitores e escritores interpretativos e capazes de participar de atividades de uso da leitura escrita.

Um dos fatores desse fracasso, segundo Soares (2004, p. 8), talvez seja a especificidade da alfabetização em ensinar a autonomização das relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico em relação às demais aprendizagens e comportamentos na área da leitura e escrita. Soares fala também da organização da educação em ciclos o que pode também ter prejudicado segundo a preterição de metas e objetivos a serem atingidos seguindo o princípio da progressão continuada, se mal aplicado por ter como resultado um descompromisso no desenvolvimento das habilidades, competências e conhecimentos.

Portanto segundo Soares (2004, p. 15),

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolvesse no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Concluimos com esse estudo que apesar das posições tradicionais que o ensino da Língua materna tomou ao longo da história, acreditamos na possível chamada para o futuro, utilizando-se de meios que favorecem a aprendizagem de todas as camadas da sociedade e evidenciando assim, às concepções de Letramento como caminho para isso. Podemos destacar que, nesse caminho o aluno se tornará parte integrante de sua aprendizagem, que poderá atingir amplos campos e fazê-lo vivenciá-la em seu meio. Independente das inúmeras confusões acerca dos conceitos de Alfabetização e Letramento, devemos entender que, esses não se fazem separados um do outro e que existe uma ligação intrínseca quanto aos seus objetivos, um elo pelo qual a escola e todos que fazem o processo de ensino e aprendizagem devem estar conscientes.

## 6 REFERÊNCIAS

APPLE, M. e NÓVOA, A. (Orgs.). *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998.

BAGNO, Marcos. *A Inevitável Travessia: da prescrição gramatical à educação linguística*. In: BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. *Língua Materna: Letramento, Variação e Ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p. 07-83.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

FERREIRO, E. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

\_\_\_\_\_. “*Alfabetização e cultura escrita*”, Entrevista concedida à Denise Pellegrini In *Nova Escola – A revista do Professor*. São Paulo, Abril, maio/2003, p. 27-30.

FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KLEIMAM, Ângela B.(Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Letramento e Oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos*. In SIGNORINI (org.), 2001. p. 23-50.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Leitura, Produção de Textos e a Escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas/SP: Mercado das letras, 2002. p. 111.

MEC - Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Língua Portuguesa. Brasília, MEC, 1998.

NASCIMENTO, Milton do. *A Alfabetização como objeto de estudo: Uma perspectiva processual*. In: ROXO, Roxane (org.). *Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 33-60. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

RIBEIRO, V. M. (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.

SILVA, da Nilce; COLELLO, Silvia M. Gasparian. *Letramento e os vícios da prática pedagógica*. In: SILVA, E, e LOPES-ROSSI, M. A. Caminhos para a Construção da Prática Docente. Tubatê: Cabral, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação, n. 25, jan./fev./mar./abr./2004b, p. 5-17.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 1998.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. Revista Pátio, n. 29, fev./2004.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. 6º ed. São Paulo: Cortez, 1995.

Disponível em: [http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/fasciculo\\_mat.pdf](http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/fasciculo_mat.pdf). Em: 09/12/2013.

Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul9anpedsul...433>. Em: 09/12/2013.

Disponível em:

[http://www.bdt.d.bce.unb.br/tesdesimplificadotde\\_buscaarquivo.phpcodArquivo...](http://www.bdt.d.bce.unb.br/tesdesimplificadotde_buscaarquivo.phpcodArquivo...) Em: 09/12/2013

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno09-06>. Adaptação do texto: LETRAMENTO: Você pratica? de Cyntia Santuchi Peixoto (FAFIA).

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Aluna: Géssica Vicencia Bendito

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Monica de Fátima Guedes de Oliveira

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### I IDENTIFICAÇÃO

NOME: \_\_\_\_\_

SÉRIE QUE LECIONA: \_\_\_\_\_

SEXO: ( ) M ( ) F IDADE: \_\_\_\_\_

GRAU DE INSTRUÇÃO: \_\_\_\_\_

CURSO: \_\_\_\_\_

ESPECIALIZAÇÃO: \_\_\_\_\_

MESTRADO ( ). EM: \_\_\_\_\_

DOUTORADO ( ). EM: \_\_\_\_\_

OUTROS: \_\_\_\_\_



## II QUESTÕES ABERTAS

1. O que é letramento?

---

---

---

2. O que é alfabetização?

---

---

---

3. De que forma você trabalha o Letramento com seus alunos?

---

---

---

4. É possível trabalhar Alfabetização e Letramento simultaneamente? Por quê?

---

---

---

5. Qual é o material didático pedagógico que você utiliza em suas aulas?

---

---

---

6. Como você avalia seus alunos em meio ao processo de ensino e aprendizagem?

---

---

---

7. Nos encontros pedagógicos, as metodologias apontadas para se trabalhar em sala de aula são relacionadas ao Letramento?

---

---

---

Obrigada pela participação!